

Cesta de moedas...

por Cláudia Safatle de Brasília

(Continuação da 1ª página)

uma série de contatos com os pequenos bancos dos EUA, "sentimos que eles enfrentavam dificuldades para explicar aos membros do conselho de administração — que são geralmente dirigentes de empresas locais — por que, apesar de tradicionalmente operarem apenas nos mercados domésticos, ingressaram em operações externas".

O início dos negócios externos surgiu com o crescimento do comércio mundial e, talvez, agora com a retração dos financiamentos de comércio eles preferiram perder o que já aplicaram e optem pela volta ao mercado doméstico. Esta é a interpretação que Colin dá à informação de que os bancos regionais se retrairam. Para eles, entretanto, a pior consequência para o Brasil, caso a notícia se confirme, será a perda dos financiamentos a importações brasileiras e não a ausência desses bancos no empréstimo-jumbo.

... e sair da crise pela solução duradoura do constrangimento externo.

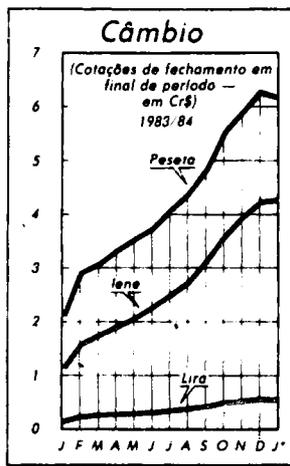
Cesta de moedas para o "jumbo"

por Cláudia Safatle de Brasília

O empréstimo-"jumbo", que ontem havia ultrapassado a marca dos US\$ 6,4 bilhões, foi negociado envolvendo uma cesta de moedas. Ou seja, os banqueiros japoneses emprestarão em ienes, os italianos em liras, os espanhóis em pesetas. Essa informação foi dada pelo presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, que disse: "Isso não tem problema. São moedas convertíveis e a operação já estava prevista desde o início das negociações. Agora, é só comprar dólar, e acabou".

O presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, consultado por este jornal, teve uma avaliação diferente da de Pastore. Para ele, com a valorização do dólar no mercado internacional, o Brasil deverá ter de arcar com os riscos da alta dessa moeda. O presidente do Banco Central contrapôs essa questão argumentando que não acredita que a alta do dólar no mercado internacional seja um movimento permanente. O certo é que, se o movimento altista da moeda norte-americana perdurar, o Brasil perderá uma parte do esforço que vem desenvolvendo para atingir a cifra de US\$ 6,5 bilhões.

O presidente do Banco Central segue amanhã, à noite, para Nova York e pretende assinar, juntamente com o ministro do Planejamento, Delfim Netto, e o da Fazenda, Ernane



Fonte: Banco Central e Centro de Informações do Mercado Mercantil.
Cotação da quinta-feira 12/01

Galvêas, os quatro projetos de refinanciamento da dívida externa no dia 18 próximo.

(Este jornal apurou, junto a alta fonte da Seplan, que o ministro Delfim Netto, do Planejamento, viaja para Nova York no dia 17 e espera assinar o empréstimo-"jumbo" no dia 18, quarta-feira.)

Pastore procurou explicar a diferença entre os seus números e as cifras citadas pelo presidente do comitê de assessoramento da dívida, William Rhodes (do Citibank), quanto aos projetos 3 e 4 (linhas comerciais e interbancárias, respectivamente). Ele disse que, ao dimensionar o projeto 3 em mais de US\$ 10,3 bilhões, considerou não só os compromissos formali-

zados por telex como também os acertados verbalmente. O Citibank, por sua vez, considera somente os US\$ 9,9 bilhões que foram confirmados por telex.

"Isso, portanto, não é irreconciliável. Depende somente da fonte de informação que usamos", justificou. Quanto ao projeto 4 — de linhas interbancárias —, disse que a situação é um pouco pior. Ele está abaixo dos US\$ 6 bilhões pleiteados pelo Brasil, mas, segundo Pastore, "o completaremos com as agências oficiais de crédito e, assim, chegamos ao 'commitment'".

No mesmo pacote da fase 2 serão assinados também os US\$ 2,5 bilhões de créditos comerciais de governos, para financiamentos de importações brasileiras. O presidente do Banco Central informou que já está de posse de "um atestado" do comprometimento dos governos e que isso basta para viabilizar a assinatura do pacote da renegociação.

Comentando a informação de que os aproximadamente duzentos bancos regionais norte-americanos teriam optado pela contabilização dos débitos brasileiros como "crédito em liquidação" e decidido ausentar-se do empréstimo-"jumbo", o presidente do Banco do Brasil não soube confirmar a notícia, mas também não se mostrou surpreso. Segundo Colin, que foi responsável por

(Continua na página 12)